

**GLOBALIZAÇÃO, REDES E RELAÇÃO MUNDO - LUGAR:
INSISTINDO EM UM DEBATE AINDA NÃO ESGOTADO
NA GEOGRAFIA**

**GLOBALIZATION, NETWORKS AND WORLD
RELATIONSHIP – PLACE: INSISTING ON A DEBATE
NOT YET EXHAUSTED IN THE GEOGRAPHY**

**MONDIALISATION, RÉSEAUX ET RELATION MONDE-
LIEU:
SOULIGNANT DANS UN DÉBAT PAS ENCORE ÉPUISE
DANS LA GEOGRAPHIE**

Gilmar Alves Trindade

Professor de Licenciatura e Bacharelado em Geografia UESC/BA

Mestre em Geografia pela UFBA/BA

Doutorando em Geografia NPGeo/UFS

Rodovia Ilhéus-Itabuna, Km 16 - Salobrinho

CEP: 45650-000 - Ilheus, BA - Brasil

E-mail: ga.trindade@uol.com.br

RESUMO

Este artigo apresenta algumas reflexões associadas à discussão geográfica na contemporaneidade em decorrência das radicais transformações ocorridas na organização do espaço entre final do século XX e início do século XXI. As inovações tecnológicas aliadas à ciência e à informação provocaram significativas metamorfoses nas relações políticas, econômicas, sociais, culturais e ambientais, todas elas interferindo na organização da sociedade, no arranjo espacial, no interrelacionamento entre o lugar e o mundo. No âmbito da Geografia tais transformações exigiram um esforço ampliado na medida em que os efeitos da globalização provocaram mudanças significativas nos lugares, que passaram a contar, cada vez mais intensamente, com a influência de determinantes exógenos portadores de novas lógicas territoriais que tendem a alterar significativamente os conteúdos das identidades culturais locais. Todas essas



transformações foram possibilitadas por intermédio das redes, através das quais fluxos de todas as naturezas circulam; fluxos materiais e imateriais geralmente relacionados àquelas inovações técnico-informacionais. Atualmente as redes são indispensáveis à análise e explicação do espaço geográfico, instrumento analítico através do qual as relações mundo – lugar adquirem maior inteligibilidade.

Palavras-Chave: Globalização; Mundo; Lugar; Redes; Identidade cultural.

ABSTRACT

This paper presents some reflections associated to the geographic debate in the contemporaneity caused by the radical transformations that happened in the space organization, in every scale, between the final of the XX century and begin of the XXI century. The technological innovations allied to the science and the information, caused significant metamorphosis in the political, economical, social, cultural and environmental relationships, all of them interfering in the organization of the society, in the spatial arrangement, in the interrelationship between the place and the world. In the geographic scope such transformations required an ample effort in that the effects of the globalization brought significant changes in places, which began to count, more and more intensively, with the influence of exogenous determinants bearers of new territorial logic which tend to change significant the content of local cultural identities. These transformations were made possible through intermediate networks, by which fluxes of all nature circulate; material fluxes and immaterial generally related to those techno-informational innovations. The networks are up now in an essential element in the analysis and explaining the geographic space, analytical instrument through which the world relationships – place purchases a bigger intelligibility.

Keywords: Globalization; World; Place; Networks; Cultural Identity.

RESUMÉ

Cet article présente quelques réflexions associés à la discussion géographique dans la contemporanéité en decorrance dans les transformations radicales dans l'organisation de l'espace entre la fin du XXe siècle et du début du XXIe siècle. Les innovations technologiques couplées avec la science et l'information ont conduit à des changements significatives dans les relations politique,



économique, social, culturel et environnemental, toutes interfèrent dans l'organisation de la société, dans l'organisation spatiale, dans l'articulation entre le lieu et le monde. Dans le contexte de la géographie tels changements ont nécessité un effort élargi dans la mesure où les effets de la mondialisation apporté des changements significatifs dans les endroits qui sont venus à dépendre de plus en plus intensément, avec l'influence des facteurs exogènes titulaires de nouvelles logiques territoriales qui ont tendance à changer de manière significative le contenu des identités culturelles locales. Tous ces changements ont été possibles par les réseaux, à travers lequel les flux en tous genres sortes, les flux matériels et immatériels généralement liés à ces innovations technique-informationel. Actuellement les réseaux sont essentiels à l'analyse et l'explication de la situation géographique, instrument analytique à travers lequel les relations monde-lieu placent de plus en plus intelligible.

Mots-Cles: Mondialisation; Monde; Lieu; Réseaux; L'Identité culturelle.

*Toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras,
tanto dissolvendo-as, como recriando-as.
Octavio Ianni*

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A retomada da discussão acerca dos paradigmas da Geografia e de sua base epistemológica, as leituras da Pós-modernidade e a necessidade de atualização teórico-conceitual dos seus paradigmas, os efeitos da globalização sobre o espaço geográfico e a relação mundo – lugar são algumas das características que marcam o atual momento de desenvolvimento do pensamento geográfico. Em virtude das radicais transformações ocorridas no mundo, especialmente nas três últimas décadas do Século XX, o espaço geográfico assumiu feições extremamente complexas, com uma carga cada vez maior de técnica, ciência e informação.

A globalização alterou as relações políticas, econômicas e culturais entre os territórios; redes informacionais conectam fluxos, lugares e pessoas, instantaneamente; regiões tradicionalmente



constituídas, como a região cacauceira do sul da Bahia, sofrem radicais mudanças sob efeito de dinâmicas endógenas e exógenas; estas últimas geralmente associadas a processos de desterritorialização, onde identidades e construtos históricos locais / regionais tendem a sucumbir diante da força do capital; cidade e campo passam a funcionar cada vez de forma mais interdependente, eliminando de vez velhas visões dicotomizadas que seccionavam o urbano e o rural como se fossem espaços independentes.

Neste contexto de aceleração contemporânea os lugares recebem cada vez mais influências de outras culturas, numa relação em que simultaneamente ganham e perdem conteúdos. A articulação necessária entre mundo e lugar, globalidade e localidade, tende a reforçar valores e comportamentos globais em detrimento de valores identitários territorialmente construídos pelos grupos sociais ao longo do tempo. Essas são algumas das questões que têm envolvido boa parte dos geógrafos, recentemente, e algumas delas serão discutidas ao longo deste texto.

2 GLOBALIZAÇÃO E METAMORFOSES ESPACIAIS NO CONTEXTO DO MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL

O período atual de desenvolvimento da história da humanidade caracteriza-se pela multiplicidade de inovações possibilitadas pela revolução tecnológica ampliada a partir da década de 70. Os objetos criados para atender aos interesses da acumulação do capital penetraram em todas as instâncias da vida social, atingindo concretamente a quase todos os lugares e pessoas do mundo. Para o geógrafo Milton Santos, a partir de então se tornou possível a convergência dos momentos, onde o tempo real autoriza a usar o mesmo momento a partir de diversos lugares, e todos os lugares a partir de um só deles, um lugar hegemônico portador de ordens, comandos, diretrizes (SANTOS, 2000).

A velocidade das transformações é, em algumas situações, tão avassaladora, que muitos indivíduos - e até mesmo lugares - chegam a perderem completamente suas referências de identidade e pertencimento. Mas é necessário ter alguma cautela quando se tenta explicar tais efeitos sobre a organização do espaço geográfico na contemporaneidade, pois ainda são consideráveis as pessoas – e até



mesmo os lugares – que buscam resguardar os significados simbólicos que historicamente explicam a sua existência singular. Na verdade torna-se necessário fazer alguns questionamentos:

Se a técnica cria aparentemente para todos a possibilidade da fluidez, quem, todavia, é fluido realmente? Que empresas são realmente fluidas? Que pessoas? Quem, de fato utiliza em seu favor esse tempo real? A quem, realmente, cabe, a mais-valia criada a partir dessa nova possibilidade de utilização do tempo? Quem pode e quem não pode? (SANTOS, 2000, p. 29).

A globalização alterou as relações políticas, econômicas e culturais entre os territórios; redes informacionais conectam fluxos, lugares e pessoas, instantaneamente; as paisagens são vendidas nos cartões postais e nas campanhas de *city-marketing*; satélites, GPS, aerofotogrametria e os recursos da informática auxiliam o geógrafo no momento de cartografar o espaço. Os recursos estão disponíveis, mas não podem ser utilizados por todos. O espaço tornou-se fluido, o tempo sofreu compressão. Mas nem todos são fluidos. Se o mundo nesse início do século XXI é marcado pela fluidez, pela velocidade, são muitos os lugares e regiões que ainda são lentos e que não conseguem atender às exigências desse tempo.

Para Chesnais (1995, p. 15) “a economia globalizada é excludente, pois é dirigida pelo movimento do capital e nada mais”. Nesse ambiente de competitividade as empresas dão as cartas e reforçam a concorrência entre regiões e lugares; o processo é seletivo e instaura-se uma verdadeira “guerra entre lugares” (SANTOS, 1999; CARLOS, 1996), que chegam a oferecer vantagens de todo tipo para que as empresas se instalem em seus territórios (isenção fiscal, relaxamento da legislação ambiental e trabalhista, subvenções, entre outras). Na lógica desse mundo globalizado,

As empresas vão se estabelecer em qualquer parte do mundo em que as vantagens econômicas imperem. Procurarão transferir os custos para os governos locais e para os contribuintes, ameaçarão mudar de lugar se desafiadas, e tentarão reduzir os custos de



salários e os gastos sociais. (HIRST e THOMPSON, 1998, p. 350).

Em meio à homogeneização planetária a que o mundo parecia estar caminhando algumas vozes dentro da própria Geografia se levantaram, anunciando o fim das regiões em um contexto cada vez mais homogêneo, onde o capital atingia os espaços que lhe interessavam, independente do contexto social ou cultural em que se localizavam os lugares, e onde, através dos meios informacionais, o mundo todo estaria “ao alcance das mãos” por meio das telas dos computadores. Entretanto, argumentações como estas se tornaram mais exceção que regra, pois o mundo sob a égide da globalização continua apresentando suas disparidades, assimetrias, diferenças. Afinal,

Há espaços marcados pela ciência, pela tecnologia, pela informação, por essa mencionada carga de racionalidade; e há os outros espaços. Todavia, essa racionalidade sistêmica não se dá de maneira total, absoluta e homogênea, pois, nas áreas assim transformadas, permanecem zonas onde ela é menor ou inexistente. (SANTOS, 1994, p. 107).

Essas novas desigualdades territoriais persistiriam nas condições atuais, porém, com outros conteúdos necessariamente relacionados à técnica, à ciência e à informação. O espaço geográfico assim transformado seria hoje constituído por zonas de densidade e rarefação, de fluidez e viscosidade, da rapidez e da lentidão, espaços que mandam e espaços que obedecem, espaços luminosos e espaços opacos (SANTOS e SILVEIRA, 2001). Vê-se, portanto, que no âmbito dessas relações espaciais assimétricas não é mesmo possível deixar de considerar os lugares e as regiões e os processos sociais responsáveis pelas diferentes formas de territorialização.

Tais assimetrias podem também ser observadas quando se constata, por um lado, a existência de “aglomerados de exclusão” (HAESBAERT, 2002a, p.125), onde grupos de pessoas completamente desenraizadas ou desterritorializadas têm como único objetivo, praticamente, garantir a sobrevivência física cotidiana; e por outro lado, a emergência do “tecnopólo” (BENKO, 1996, p. 154), um



espaço preciso, o ponto singular de um território onde se concentram e se irrigam mutuamente as atividades econômicas intimamente ligadas às novas tecnologias, precursoras, por seu caráter inovador, do desenvolvimento futuro.

O processo de globalização é, portanto, simultaneamente homogeneizante e seletivo, na medida em que as empresas e o próprio Estado priorizam investimentos naqueles lugares portadores da densidade técnica e informacional necessária à reprodução do capital no tempo mais rápido possível; por outro lado, lugares e regiões são deixados à margem do processo por não possuírem a densidade técnica necessária à plena fluidez das finanças, das informações, das mercadorias e das pessoas.

3 REDES E FLUXOS GEOGRÁFICOS NA INTERMEDIÇÃO ENTRE O LUGAR E O MUNDO

No último quartel do século XX e nesse início do século XXI muitos acontecimentos têm sido responsáveis por radicais transformações na escala planetária, provocando, evidentemente, efeitos os mais variados nas escalas local, regional e nacional. Mudanças nas relações sociais provocam necessariamente metamorfoses na organização do espaço geográfico, transformando modos de vida e as formas das paisagens, estimulando novas possibilidades de análise e interpretação dos conteúdos de tais mudanças sob uma perspectiva geográfica.

Não restam dúvidas de que a década de 70 do século XX pode ser considerada o marco a partir do qual as transformações se aceleraram, em virtude das novas lógicas técnico-informacionais decorrentes da revolução tecnológica, que possibilitaram a conexão mundial através das redes de informação, alterando as relações (e as percepções) de espaço e tempo, categorias fundamentais ao desenvolvimento da análise geográfica.

Neste contexto diferentes autores desenvolveram discussões que continuam estimulantes e necessárias à compreensão do mundo a partir de então, entre os quais se destacam as interpretações acerca da compressão espaço-tempo (HARVEY, 1992), da aceleração contemporânea (SANTOS, 1994) e da sociedade em rede (CASTELLS, 1999).

O conceito de redes é, neste momento de desenvolvimento da Geografia e do próprio mundo, indispensável na análise das transformações socioespaciais ocorridas recentemente. Através das redes os lugares são conectados e a idéia de totalidade do mundo adquire maior inteligibilidade. Os fluxos das mais variadas origens e tipos circulam através das redes geográficas; fluxos que conectam lugares e pessoas são viabilizados pela rede; em verdade,

A rede aparece como o instrumento que viabiliza exatamente duas estratégias: circular e comunicar [...] os fluxos de todo tipo – das mercadorias às informações – pressupõem a existência das redes. A primeira propriedade das redes é a conexidade, os nós das redes são assim lugares de conexões, lugares de poder e de referência. (DIAS, 1995, p. 147-148).

Na avaliação de Castells (1999), a rede seria um conjunto de nós interconectados, onde o nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta; o que um nó é depende do tipo de redes que estejam sendo tratadas. Para este autor redes são estruturas abertas capazes de expandirem-se de forma ilimitada, articulando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, quer dizer, desde que os mesmos códigos de comunicação sejam compartilhados.

Fazendo referência aos diversos fluxos que circulam no interior de uma rede, conectando nós e redimensionando a existência da própria rede, Souza considera que

Na rede, o que há é, em termos abstratos e para efeito de representação gráfica, um conjunto de pontos – os nós – conectados entre si por segmentos – arcos – que correspondem aos fluxos que interligam os nós – fluxos de bens, pessoas ou informações – sendo que os arcos podem ainda indicar elementos infra-estruturais presentes no substrato espacial – p. ex., estradas – que viabilizam fisicamente os deslocamentos dos fluxos. (SOUZA, 1995, p. 150).

Segundo Haesbaert (2002a) o uso do termo rede contribui para compreender as articulações entre diferentes territorialidades bem

como suas estruturações internas. Para ele o conceito de rede emerge com o próprio capitalismo, sendo que os primeiros pesquisadores que o utilizaram surgem no século XIX, ao tentarem explicar determinadas formas espaciais disseminadas pelo novo sistema de produção, tais como redes de transportes cada vez mais articuladas, inúmeras redes no interior das cidades e diversas redes técnicas construídas para destruir e reordenar territórios.

Na realidade, as cidades podem ser identificadas como nós de redes, especialmente as cidades médias e grandes, lugares de conexão entre as diferentes escalas através das quais os fluxos de toda natureza circulam. Para Santos e Silveira (2001, p. 280), “as cidades são os pontos de interseção e superposição entre as horizontalidades e as verticalidades”. E nesse movimento as cidades vão estabelecendo uma ponte entre o global e o local, em vista das crescentes necessidades de intermediação e da demanda também crescente de relações; além disso, como vivemos imersos no bojo da aceleração contemporânea, há que se considerar a necessidade permanente de informação de toda ordem, e este é um dado a mais a ser considerado no momento de explicar a teia de relações que articulam as cidades entre si, no contexto da região que integram e, simultaneamente, as relações estabelecidas com cidades de outras regiões do país e do mundo. O geógrafo precisa ter em mente que

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, entre sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações, e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra sua dinâmica e se transforma. (SANTOS, 1994, p. 111).

No bojo dessas transformações engendradas pelos sistemas de objetos e de ações, há que se compreender que a rede urbana funciona como um conjunto de aglomerações produzindo bens e



serviços junto com uma infra-estrutura de suporte, e com fluxos que, por meio desses instrumentos de intercâmbio, circulam entre as aglomerações (SANTOS, 2005).

4 ITABUNA E ILHÉUS, NO SUL DA BAHIA: UMA POSSIBILIDADE DE ANÁLISE DA ARTICULAÇÃO MUNDO – LUGAR POR MEIO DAS REDES

Para se compreender o processo de constituição da rede urbana no sul da Bahia é necessário que se considere como ponto de partida a influência da cacauicultura como elemento de fomento da produção desse espaço regional. “Como o espaço não é homogêneo e evolui de maneira desigual, a difusão dos objetos modernos e a incidência de ações modernas não são as mesmas em toda parte. Alguns subespaços [...] podem acolher as ações dos atores hegemônicos” (SANTOS, 2005, p. 167). Quando se considera a teia de ações emanadas e de objetos criados para fomentar a cacauicultura na microrregião Itabuna - Ilhéus, percebe-se que também na região a criação de fixos produtivos levou ao surgimento de fluxos que, por sua vez, exigiram novos fixos para viabilizar o seu próprio desenvolvimento ao longo do tempo. Segundo Santos,

Os fixos são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral, incluindo a massa dos homens. Os fluxos são o movimento, a circulação e assim eles nos dão, também, a explicação dos fenômenos da distribuição e do consumo. Desse modo, as categorias clássicas, isto é, a produção propriamente dita, a circulação, a distribuição e o consumo, podem ser estudados através desses dois elementos, fixos e fluxos. (SANTOS, 1996, p. 77).

Para Santos a análise dos fluxos é às vezes difícil, pela ausência de dados. Mas o estudo dos fixos permite uma abordagem possível, através dos objetos localizados: agências de correio, sucursais bancárias, escolas, hospitais, fábricas, etc. Cada tipo de fixo surge com suas características, que são técnicas e organizacionais. E desse modo



a cada tipo de fixo corresponde uma tipologia de fluxos. Fixos e fluxos interagem e se alteram mutuamente.

Os dois principais centros urbanos da zona cacauceira são, incontestavelmente, Ilhéus e Itabuna. Ilhéus, no litoral, é o grande centro exportador de cacau, enquanto Itabuna, entroncamento rodoviário, mais interiorizado, tem como atividade precípua a concentração da produção de vasta área, canalizada para o porto marítimo de Ilhéus. Acrescenta-se-lhe, ainda, uma função de distribuição de produtos importados para uma vasta hinterlândia, dela dependente economicamente. Esta função, no passado, esteve ligada exclusivamente ao porto de Ilhéus, pelo qual Itabuna recebia as mercadorias, porém, hoje, apresenta-se mais independente, graças ao desenvolvimento da circulação rodoviária. No entanto, ainda hoje, as funções das duas cidades se completam. Por estas razões podemos considerar que

A articulação resultante da circulação vai dar origem e reforçar uma diferenciação entre núcleos urbanos no que se refere ao volume e tipos de produtos comercializados, às atividades político-administrativas, à importância como pontos focais em relação ao território exterior a eles, e ao tamanho demográfico. Esta diferenciação traduz-se em uma hierarquia entre os núcleos urbanos e em especializações funcionais. (CORRÊA, 1991, p. 7).

Itabuna e Ilhéus concentram os equipamentos e serviços que lhes possibilitam polarizar os municípios da região cacauceira, na medida em que drenam a renda regional proveniente da produção de cacau, e simultaneamente, constroem interações que não permitem que esses municípios fujam de sua dependência político-econômica. Neste sentido então, as interações espaciais caracterizam-se, preponderantemente, por uma assimetria, isto é, por relações que tendem a favorecer um lugar em detrimento de outros, ampliando as diferenças já existentes (CORRÊA, 1997).

No âmbito dessas assimetrias os centros urbanos vão definindo seus papéis no contexto do espaço regional do qual fazem parte. Deve-se considerar que a organização do espaço por uma

cidade resulta de sua capacidade de, num dado momento, exercer influência sobre determinada porção do território. Isso consegue pela conjugação de dois fatores: a presença de serviços e funções que garantam à aglomeração a possibilidade de atender às necessidades de certa porção da área que a circunda; e a existência de uma rede de transportes destinada a permitir que a primeira influência se exercite e através da qual a cidade estabelece relações com o meio rural e põe a sua área de influência em relação com o exterior (TRICART e SANTOS, 1958).

Atualmente, para analisar uma cidade qualquer já não basta situá-la em sua rede regional; faz-se necessário compreender os laços de estrutura que subordinam esta a uma unidade mais vasta, formada pelo Estado ou mesmo pela área de influência de algumas grandes corporações (ROCHEFORT, 1998). Apesar disso o autor também considera que no estado atual da organização dos transportes e da distribuição, a rede urbana regional constitui-se ainda em uma indispensável estrutura técnica da vida regional, que tem que ser cuidadosamente analisada no momento da pesquisa.

Se até a década de 80 era possível referir-se, com certa tranqüilidade, à região comandada pelas cidades de Itabuna e Ilhéus através da denominação região cacauera, a partir dos anos 90 alguns acontecimentos redundaram em mudanças de conteúdos geográficos que alteraram inclusive a denominação da referida região, uma vez que novos vetores econômicos, políticos e culturais modificaram as relações socioespaciais na região. Evidentemente que essas transformações implicaram em mudanças também na forma / conteúdo da rede urbana, em virtude do declínio de alguns fluxos relacionados à comercialização do cacau e do recrudescimento de fluxos geográficos de outras naturezas. Deve-se considerar que na contemporaneidade, “passamos de fluxos que são curtos no espaço e que se exercem em áreas limitadas, a fluxos que abrangem frações do território cada vez maiores. Hoje, aliás, o mundo todo é o campo de ação dos fluxos que se expandem com o suporte dos novos sistemas de engenharia” (SANTOS, 1996, p. 81).

Apesar das transformações verificadas em toda a região, os centros regionais, Itabuna e Ilhéus, mantiveram seu predomínio sobre o espaço regional, principalmente porque a década de 90 correspondeu também ao período de instalação de novos equipamentos industriais em ambos os municípios, de incremento do



comércio em Itabuna, inclusive com a instalação de um *shopping center*, e do revigoreamento do turismo em Itacaré, Canavieiras e Ilhéus. No caso do *shopping center*, relacionado ao comércio varejista de Itabuna e sua hinterlândia, verifica-se aquilo que fora apontado por Corrêa (2006) em seu estudo, ou seja, que este equipamento urbano tem o poder de alterar padrões de deslocamentos para compras já solidamente estabelecidos no âmbito da rede urbana. Com relação à Itabuna e Ilhéus, cidades de médio porte distantes entre si em apenas 30 km, chegou-se mesmo a afirmar que “se até recentemente foi possível falar separadamente de Ilhéus e Itabuna, hoje é mais conveniente tratar dos dois centros praticamente como uma só unidade urbana responsável pela condução da vida regional”. (SILVA et al.,1987, p. 407).

As duas cidades de médio porte do sul da Bahia têm suas redes de transporte articuladas através da BR-415. São constantes os fluxos entre as duas cidades; convém reafirmar que “os fluxos definem a forma e os processos espaciais” (CASTELLS, 1999, p. 434) na rede urbana. Em virtude da grande fluidez que há entre os dois centros, tem-se questionado se já existe, efetivamente, o fenômeno da conurbação no espaço compreendido entre Itabuna e Ilhéus. Para Silva, “não se pode falar de uma tendência a uma conurbação do tipo físico-territorial, mas, certamente, já existe uma conurbação funcional com forte tendência à expansão” (SILVA et al.,1987, p. 407). De fato, ainda há uma considerável densidade de propriedades rurais ao longo da rodovia Ilhéus - Itabuna, impedindo a instalação de equipamentos urbanos neste trecho e a mudança de conteúdos das paisagens rurais em paisagens eminentemente urbanas. Entretanto, cada vez mais rapidamente, são instalados equipamentos urbanos ao longo da rodovia. Convém lembrar que dois bairros de Ilhéus (Salobrinho e Banco da Vitória) e duas grandes instituições ligadas ao ensino e à pesquisa (UESC e CEPLAC) localizam-se nesse intervalo. Ao longo da própria rodovia os fluxos vão surgindo ou se intensificando. Neste contexto socioespacial do início do século XXI vê-se que “a sociedade está sendo construída em torno de fluxos: fluxos de capital, de informação, de tecnologia, de interação organizacional, de imagens, sons e símbolos” (CASTELLS, 1999, p. 436), que transformam radicalmente os lugares impondo novos conteúdos nas suas articulações com o mundo.



Vê-se, assim, que a microrregião Itabuna - Ilhéus sofreu significativas transformações nas duas últimas décadas. Neste contexto torna-se necessário compreender até que ponto

Muitos fenômenos participam de redes locais ou regionais, e outros, de redes nacionais / mundiais, e muitas são as descontinuidades e os entrelaçamentos [...] sendo assim [...] delinheá-los, destrinchar este confuso “novelo” é o que a questão das escalas e da própria região nos propõe (HAESBAERT, 2002a, p. 114).

As transformações ocorridas alteraram paisagens, imprimiram novos significados aos espaços urbanos e rurais dos municípios, engendraram novas formas de articulação com outros lugares e regiões do Brasil e do mundo, redimensionaram a estrutura espacial (econômica, política, ambiental, social, cultural). Tudo isso contribuindo para que novos fluxos passassem a integrar a rede urbana regional no âmbito de suas conexões endógenas e exógenas, tornando mais complexas suas relações e exigindo novos olhares que possam trazer à luz uma melhor compreensão sobre a mesma. Esses fatores estão a demonstrar que “existe uma instabilidade e uma tensão entre as redes e o território, entre o dinâmico e o estático, entre aquilo que circula e aquilo que habita” (MACHADO, 2003, p. 135). No bojo dessas considerações é oportuno observar que

O Brasil apresenta, no alvorecer do século XXI, numerosos e complexos ciclos de reprodução do capital, geradores de interações multifacetadas, multidirecionadas e de intensidades variadas que geram uma rede urbana cada vez mais complexa [...] entender a lógica de redes urbanas cada vez mais complexas é uma tarefa que se torna fundamental para compreender a sociedade brasileira e o seu território. (CORRÊA, 2006, p. 326).

Complexidade esta que pode – e deve – ser averiguada em todas as escalas da análise espacial. É preciso, pois, identificar as redes de dimensão planetária e que, segundo alguns autores, servem de embrião para a formação de um ‘território-mundo’ e,

simultaneamente, identificar as redes de caráter local e regional que, frequentemente, possuem força para transformar a organização territorial (HAESBAERT, 2002a). Isso deve estar bastante nítido na mente do pesquisador – especialmente do geógrafo – no momento em que se propõe a compreender processos espaciais que são locais, regionais, mas que simultaneamente dialogam com o país e o mundo. Portanto,

O fato de que a rede é local e global, una e múltipla, estável e dinâmica, faz com que a sua realidade, vista num movimento de conjunto, revele a superposição de vários sistemas lógicos, a mistura de várias racionalidades cujo ajustamento, aliás, é presidido pelo mercado e pelo poder público, mas, sobretudo, pela própria estrutura socioespacial. (SANTOS, 1999, p. 222).

A rede urbana construída em torno do predomínio das cidades de Itabuna e Ilhéus, historicamente relacionada à lavoura cacaueteira e a todo um séquito de fluxos decorrentes desta atividade econômica, insere-se, portanto, no bojo dessas questões vinculadas à Geografia urbana na contemporaneidade, como também a outras áreas da própria Geografia e de outros campos do conhecimento. Acontece que não é mais a cacauicultura, pelo menos não apenas ela, que define os movimentos dos fluxos que atualmente circulam por esta rede urbana, imprimindo-lhe novos significados. Na verdade, deve-se considerar que

As sociedades tradicionais eram mais territorializadas, enraizadas, e a sociedade moderna foi-se tornando cada vez mais “resificada” ou reticulada, quer dizer, transformada através de fluxos cada vez mais dinâmicos, marcados pela velocidade crescente dos deslocamentos. (HAESBAERT, 2002a, p. 122).

A busca da compreensão e explicação desses significados coloca-se, portanto, como relevante tarefa, que pode e deve ser desenvolvida no contexto da análise espacial, no âmbito da qual se

empreende um esforço de considerar a dimensão têmporo-espacial, as conexões inter-escalares e a interrelação sociedade/natureza, algumas das exigências necessárias para a realização de um trabalho efetivamente geográfico. Necessariamente, como observou Haesbaert (2002b), a rede se coloca como um referencial teórico fundamental neste debate, na medida em que ela é o veículo portador da maior fluidez que atinge o espaço geográfico e, no entender de muitos dos autores consultados, o componente mais importante da territorialidade contemporânea. Considero mesmo que na contemporaneidade o conceito de redes vem somar-se àqueles cinco conceitos-chave (região, espaço, território, paisagem e lugar) imprescindíveis para a construção de uma análise e um discurso efetivamente geográficos.

5 E COMO FICA A QUESTÃO DA IDENTIDADE CULTURAL NESTE CONTEXTO DA ACELERAÇÃO CONTEMPORÂNEA?

*Quisera abranger tudo, e tudo me convida;
mas o tempo é fugaz, e curta e incerta a vida
Antonio Feliciano de Castilho*

Essas palavras do escritor português Feliciano de Castilho foram escritas na segunda metade do século XIX, época marcada pelas inovações técnicas provenientes da revolução industrial inglesa. A locomotiva a vapor era o ícone de um tempo em que a distância terrestre entre um lugar e outro no espaço era vencida após horas e até mesmo dias de viagem. O automóvel ainda não existia e as viagens marítimas, cansativas e monótonas “duravam o tempo de uma vida” e constituíam-se em verdadeiras aventuras ainda que por terras cartografadas e conhecidas. E ainda assim, o poeta considerava o tempo fugaz para se viver tudo o que a vida oferecia.

O que dizer então desse início do século XXI? Desse período onde envoltas por um séqüito de objetos, inovações e informações, muitas pessoas são levadas a perderem suas referências de tempo – e de espaço – desconstruindo identidades culturais tecidas no decorrer de um longo tempo em nome de uma pan-identidade, de uma pan-cultura ou de um hibridismo cultural (ARAÚJO e HAESBAERT, 2007).



O efêmero e o fugidio são características desse momento em que vivemos, não restam dúvidas. O tempo do relógio digital está em toda parte, lembrando a todo instante que é preciso ter pressa! O trabalho, o lazer, o ócio, o consumo e a guerra. Tudo parece ser milimetricamente cronometrado para que não se perca tempo. Essa exacerbação da técnica no contexto do mundo atual e sua relação inexorável com a idéia de aceleração do tempo vêm, na verdade,

Implicando em profundas transformações no processo produtivo; as mudanças nos meios de comunicação ligando os espaços em redes de fluxos cada vez mais densas, ultrapassando fronteiras, colocam uma necessidade de repensar a natureza do espaço num momento em que a relação espaço / tempo se transforma de modo incontestável [...] o que se busca é a diminuição do tempo do percurso e não do espaço do percurso que continua sendo um dado inquestionável [...] (CARLOS, 1996, p. 28).

Neste sentido, portanto, o local se transforma mais rapidamente, na medida em que está exposto a todo o movimento e fluidez existente na sua relação com o mundo. E no bojo dessas relações torna-se necessário “repensar a identidade do lugar cada vez mais dependente e construída no plano do mundial” (idem).

A discussão acerca da identidade cultural está mesmo posta em questão no âmbito das ciências sociais de um modo geral, destacando-se os debates mais recentes feitos pela Sociologia, Antropologia e mesmo pela Geografia. De acordo com Hall (1999, p.7) o argumento principal é que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno”. O autor considera mesmo que o próprio conceito de identidade é bastante complexo, ainda pouco desenvolvido e ainda menos compreendido nas ciências sociais contemporâneas, por isso mesmo torna-se impossível encontrar uma ideia de consenso quanto ao(s) seu(s) significado(s). De qualquer forma, Hall conclui que as identidades culturais, enquanto aspectos de nossa identidade individual e coletiva, “surgem



de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. (HALL, 1999, p.8).

Cultura e natureza, identidade e diferença, constituem dois pares indissociáveis, assim como sociedade e espaço. Quanto à identidade e diferença é interessante observar que

Ocorre um cruzamento ainda mais íntimo, pois não há como “identificar-se” algo sem que sua “diferenciação” (em relação ao “outro”) seja construída [...] isto demonstra o caráter permanentemente relacional da construção identitária, sempre produzida na relação com aquele que é estabelecido como o seu “outro”. (ARAÚJO e HAESBAERT, 2007, p.36).

Sendo assim as idéias de identidade cultural e identidade territorial, como estabelecidas em um passado ainda recente, ficam comprometidas. Os meios informacionais e um acesso mais amplo ao movimento e à comunicação, na escala planetária, promovem um verdadeiro entrecruzamento de culturas, daí a noção de multiculturalismo ou de hibridismo cultural (ARAÚJO e HAESBAERT, 2007). É exatamente por esta razão que, ironicamente,

À medida em que os meios de comunicação – que permitem ao indivíduo participar na reprodução da cultura – ficam mais sofisticados, instantâneos e globais, os significados culturais nas sociedades modernas se tornam cada vez mais fragmentados e voláteis. (COSGROVE, 2000, p.55).

No contexto da aceleração contemporânea talvez seja mesmo necessário considerar a idéia de que “identidades são identificações em curso”, de que as identidades culturais não são estáticas e nem são rígidas; são sempre resultados transitórios e fugazes de “processos de identificação” (SANTOS, 2006, p.135). Tais processos, nos dias de hoje, tendem a ser cada vez mais globais, intercambiáveis, desterritorializados. Entretanto, o lugar continua existindo enquanto uma singularidade construída na relação necessária entre natureza e



cultura (ou culturas) e enquanto espaço concreto de manifestação do cotidiano e da vida. Neste sentido,

O lugar se apresentaria como o ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento. É no lugar que se manifestam os desequilíbrios, as situações de conflito e as tendências da sociedade que se volta para o mundial. (CARLOS, 1996, p.29).

De acordo com McDowell (1996) este parece ser o atual desafio que provoca os geógrafos, de um modo geral, e os geógrafos culturais, de modo particular, quer seja: a investigação de como essas interconexões entre as forças globais e as particularidades locais alteram as relações entre identidade, significado e lugar.

Neste contexto, ainda, faz-se necessário atentar para o fato de que a sociedade de consumo entroniza o indivíduo (o individualismo), fazendo esmaecer as preocupações desse indivíduo com os problemas gerais das coletividades. Que tipo de identidade pode ser construída em um cenário como este? Que tipo de cultura emerge no nível do indivíduo e não do grupo, da coletividade? Que formas de relações humanas (culturais, sociais, políticas) prevalecerão nos lugares assim constituídos?

Essas questões colocadas em aberto e um pequeno fragmento de “Eu, etiqueta”, de Carlos Drumond de Andrade, podem concluir este texto, mas não essa discussão, que de fato parece indicar alguns caminhos necessários e indispensáveis à reflexão e ao debate geográfico neste início do século XXI.

“[...] É doce estar na moda, ainda que a moda
seja negar minha identidade,
trocá-la por mil, açambarcando
todas as marcas registradas
todos os logotipos do mercado.
Com que inocência demito-me de ser
eu que antes era e me sabia
tão diverso dos outros, tão mim-mesmo,
ser pensante, sentinte e solidário

com outros seres diversos e conscientes
de sua humana, invencível condição.
Agora sou anúncio, ora vulgar, ora bizarro,
em língua nacional ou em qualquer língua
(qualquer principalmente).
E nisto me comprazo, tiro glória de minha anulação [...]”
(Carlos Drummond de Andrade, 1984).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto as reflexões foram articuladas através de categorias e conceitos que atravessaram toda a discussão, cuja tônica foi enfatizar algumas questões relacionadas aos efeitos da globalização sobre o espaço geográfico; quer seja quando se discute a importância das redes enquanto instrumento fundamental para compreensão do que o mundo é hoje; quer seja quando se destaca um estudo de caso específico, o da microrregião Itabuna - Ilhéus, a fim de identificar alguns conteúdos atuais que caracterizam aquele espaço regional no sul da Bahia, outrora relacionado apenas à cacauicultura – e a um séquito de questões econômicas, políticas e culturais associadas a esta atividade produtiva.

A interconexão entre mundo e lugar, explícita ou implicitamente, também percorre todo o texto. A ideia de totalidade que o mundo encerra só pode ser apreendida cognitivamente através da consideração dos lugares, espaços concretos de manifestação da vida em toda sua multiplicidade, portanto, espaços de manifestação de conflitos, de embates, mas também de construção de possibilidades de transformação e mudança.

A noção de aceleração do tempo associada às diferentes possibilidades de vencer as distâncias que continuam existindo concretamente no espaço, emerge em alguns momentos ao longo do texto. Tal discussão remete-nos necessariamente ao problema das disparidades e diferenciações sociais e espaciais. O espaço é fluido, mas não o é para todos; o mundo é quase que diariamente invadido por novos objetos carregados de informação, mas não são todos que podem consumi-los, tão pouco entende-los, como sentenciou Milton Santos ao refletir sobre a aceleração contemporânea e suas consequências sobre a organização da sociedade e do espaço.



Finalmente, encerrando o artigo, veio à tona a questão das identidades culturais em meio ao controverso processo de globalização a que o mundo está submetido. Como síntese e como desfecho aglutinador de tudo o que foi discutido anteriormente, a questão das identidades culturais e/ou territoriais leva o geógrafo a refletir sobre os efeitos concretos da globalização e de todo o movimento de aceleração provocado pelas novas tecnologias da informação; tanto os efeitos sobre lugares, regiões e mesmo Estados-nação, como sobre os aspectos específicos das identidades culturais de pessoas e de grupos sociais, identidades construídas historicamente ao longo do tempo e por meio de relações territoriais envolvendo a interconexão entre cultura e natureza. Identidades culturais que nas atuais circunstâncias por vezes se esvaem num átimo de tempo.

Percebe-se assim que os desdobramentos dessas questões – cuja gênese indiscutivelmente está relacionada à emergência da globalização – nos indicam que essas discussões estão longe de se darem por encerradas, especialmente no âmbito da ciência geográfica; constituindo-se mesmo em questões obrigatórias para a análise da configuração espacial neste início do século XXI.

7 REFERÊNCIAS

ANDRADE, C.D. de. **Corpo – novos poemas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

ARAÚJO, F.G.B. de; HAESBAERT, R. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades. In: HAESBAERT, R. et al. (Orgs.). **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: ACCESS, 2007. p. 33-56.

BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. São Paulo: Hucitec, 1996. 256p.

CARLOS, A.F.A. **O Lugar no / do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. 186p.

CASTELLS, M. **A Sociedade em rede: a era da informação – economia, sociedade e cultura**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617 p.



CASTRO, I.E. Visibilidade da região e do regionalismo. In: LAVINAS, L. et al. (orgs.). **Integração, região e regionalismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. p. 155-169.

CHESNAIS, F. A globalização e o curso do capitalismo de fim-de-século. In: **Economia e Sociedade**. n. 1, UNICAMP, p. 1-30, dez. 1995.

CORRÊA, R.L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1989. 96 p.

_____. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1991. 96 p.

_____. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I.E. et al. (Orgs.). **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-47.

_____. Interações espaciais. In: CASTRO, I.E. et al. (Orgs.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 279-318.

_____. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 336 p.

COSGROVE, D. Mundos de significados: Geografia cultural e imaginação. In: CORREA, R.L. et al. (Orgs.). **Geografia Cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000. p. 33-60.

DIAS, L.C. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, I.E. et al. (Orgs.). **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 141-162.

_____. Os sentidos da rede: notas para discussão. In: DIAS, L.C. et al. (Orgs.) **Redes, Sociedades e territórios**. 2. ed. Santa Cruz do Sul – SC: EDUNISC, 2007. p. 11-28.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002a. 186p.

_____. Concepções de território para entender a des-territorialização. In: **Território, Territórios**. Programa de Pós-graduação em Geografia – PPGEU-UFF. Niterói. 2002b. p. 17 - 38.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. 102p.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992. 349p.

HIRST, P; THOMPSON, G. **Globalização em questão: a economia internacional e as possibilidades de governabilidade**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998. 364p.

IANNI, O. **Enigmas da modernidade-mundo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 319p.

MACHADO, L.O. Sistemas e redes urbanas como sistemas complexos evolutivos. In: CARLOS, A.F.A. et al. (Orgs.). **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 129 – 135.

McDOWELL, L. A transformação da Geografia Cultural. In: GREGORY, D. et al. (orgs.). **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 159-188.

ROCHEFORT, M. **Redes e Sistemas: ensinando sobre o urbano e a região**. São Paulo: Hucitec, 1998. 174p.

SANTOS, B. de S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2006. 348p.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994. 190p.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996, 124 p.

_____. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 308 p.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. 174p.

_____. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005. 170 p.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M.L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 471 p.

SILVA, S.B.M. et al. **O subsistema urbano-regional de Ilhéus e Itabuna**. Recife: SUDENE, 1987. 413 p.

SOUZA, M.L. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I.E. et al. (Orgs.). **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77 – 116.

TRICART, J; SANTOS, M. **Estudos de Geografia da Bahia**. Salvador: Progresso Editora, 1958. 243 p.